



Recebido: 27/01/2023 | Revisado: 08/03/2023 | Aceito: 13/03/2023 | Publicado: 23/03/2023



This work is licensed under a
Creative Commons Attribution 4.0 Unported License.

Percepções dos moradores de uma comunidade rural sobre a influência das tecnologias sociais digitais no cotidiano

Perceptions of residents of a rural community on the influence of digital social technologies in everyday life

BITENCOURT, Ricardo. Mestrado em Ecologia Humana E Gestão Socioambiental UNEB. Instituto Federal do Sertão Pernambucano, Campus Petrolina Industrial. BR 407, Km 08 Jardim São Paulo CEP: 56314520 - Petrolina, PE – Brasil. Telefone: (87) 21014300 / E-mail: ricardo.bitencourt@ifsertao-pe.edu.br

AMORIM, Dinani Gomes. Doutorado em Informática pela Universidade de Santiago de Compostela. Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais. Avd Edgard Chastinet s/n São Geraldo 48905650 - Juazeiro, BA – Brasil. Telefone: (74) 36117248 / E-mail: dinaniamorim@gmail.com

AMORIM, Ricardo José Rocha. Doutorado em Electrónica e Informática pela Universidade de Santiago de Compostela. FACAPE - Campus Universitário, s/nº - Caixa Postal 67 - Bairro: Vila Eduardo - CEP: 56300-000 - Petrolina - PE Telefone: (87) 3866-3200 / E-mail: amorim.ricardo@gmail.com

SANTOS, Ralliny Soares Rocha dos. Especialização em Psicologia Perinatal pela Faculdade Cidade Aparecida de Goiânia. Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira, IMIP, Brasil. / E-mail: ralliny@outlook.com

RESUMO

A inserção de tecnologias sociais digitais no cotidiano impulsiona novos paradigmas relacionais que envolvem diferentes elementos da cultura humana. Estas, no geral, por serem adaptativas, tem a capacidade de moldar-se às estruturas de cada plataforma utilizada e ao conhecimento dos usuários em seus diversos contextos. Nesse sentido, se valendo de relatos de moradores em comunidades de áreas rurais, o presente trabalho apresenta uma análise sobre a reelaboração e ressignificação das relações dentro dessas comunidades sobre a presença ou uso da internet e o celular. Os participantes demonstram já ter absorvido a presença do dispositivo no cotidiano, mesmo os que não o possuem e, apesar de entenderem a importância desses recursos para o estabelecimento de relações e o desenvolvimento local, alertam sobre as consequências de seu uso abusivo na comunidade

Palavras-chave: Cibercultura, Internet, Campo, Infosfera

ABSTRACT

The insertion of digital social technologies in everyday life drives new relational paradigms that involve different elements of human culture. These technologies, in general, are adaptive and have the ability to mold themselves to the structures of each platform used and to the knowledge of users in their different contexts. In this sense, using reports from residents of communities in rural areas, the present work presents an analysis of the re-elaboration and re-signification of relationships within these communities on the presence or use of the internet and the cell phone. Participants demonstrate that they have already absorbed the presence of the device in everyday life, even those who do not have it and, despite understanding the importance of these resources for the establishment of relationships and local development, they warn about the consequences of its abusive use in the community.

keywords: Cyberculture, internet, countryside, Infosphere



Introdução

Os processos tecnológicos são fundamentais para o desenvolvimento humano. Através deles, a nossa condição moldou e foi moldada até o contexto que conhecemos hoje. Se anteriormente as condições geográficas ou biológicas eram imperativas para a definição da realidade, a digitalização da vida e as suas diversas redes possibilitaram a ampliação das relações e o entrelaçamento de outras realidades baseadas na hiperconexão.

No Brasil, por exemplo, segundo o Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC.BR, 2022), isso vem sendo constantemente ampliado (Tabela 1).

Quadro 1 - Descrição do quadro

Área	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021
Urbana	55,5	58,6	65,1	70,2	74,5	85,9	83,2
Rural	22,3	25,9	33,6	43,9	51,4	64,8	70,5

Fonte: CGI.br/NIC.br, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos domicílios brasileiros (por questões de arredondamento, a soma dos resultados pode não totalizar 100%).

Mesmo com evidente ampliação, o acesso à internet ainda reforça os contextos de desigualdade econômica e sociocultural da sociedade brasileira, principalmente quando se trata de áreas rurais, onde a infraestrutura é bastante precária (HELOU et al., 2011). Dessa forma, apesar do acesso, a qualidade dos recursos e do tipo de conexão estabelece limitações numa espécie de determinismo tecnológico que desestimula uma tecnodiversidade com vistas à superação de um domínio etnocêntrico, nacionalista ou fascista, em direção a uma multiplicidade de cosmotécnica (HUI, 2020).

Para essa interpretação, faz-se imperativo perceber que os dispositivos inteligentes deixaram de ter (apenas) as funções determinadas por seus desenvolvedores, passando a ter uma relação complexa com usuário final. Dessa forma, o uso de um smartphone não pode ser limitado através das funções dos



dispositivos, como anteriormente se via em um telefone fixo. Ao contrário disso, o que se tem no momento é um processo de materialização e convergência de tecnologias que “tem promovido mudanças no comportamento social, tanto na esfera privada, quanto pública, e nas intersecções destas” (DE LIMA, 2009, p. 50).

Computadores foram inicialmente criados para resolverem problemas matemáticos, armazenarem e possibilitarem o acesso a uma informação. Hoje, espera-se que “os computadores possam nos ajudar a melhorar a nós mesmos, nossas comunidades e nossa sociedade”, entretanto, eles “também podem ser usados para fins destrutivos; o lado sombrio da mudança de atitudes e comportamentos leva à manipulação e coerção” (FOGG, 1995, p. 27; 2003), especialmente na escalada que estamos nessa relação com a Inteligência Virtual.

A ampliação da conexão em rede estabeleceu a cibercultura como um aspecto da sociedade em rede localizada no ciberespaço (LEVY, 2010; CAPOBIANCO, 2010). Por conseguinte, a virtualização da vida passou a ser materializada através de dispositivos e aplicações que ocupam cada vez mais espaço no cotidiano das pessoas.

Os gadgets inteligentes passaram a monitorar e fazer parte de nossa vida, tendo o celular como grande agregador de informações. Desde contato com familiares até monitoramento da saúde, tudo pode ser acessado há um clique e com um bombardeio constante de feedbacks realizados por robôs que aprendem cada vez mais sobre o usuário. Além disso, a realidade virtual proporcionada por essa emergência tecnológica tem se tornado um fenômeno “sociocultural específico e emergente que vem se mostrando cada vez mais presente na vida cotidiana das pessoas por todo o planeta” (SOARES; CÂMARA, 2016, p. 204)

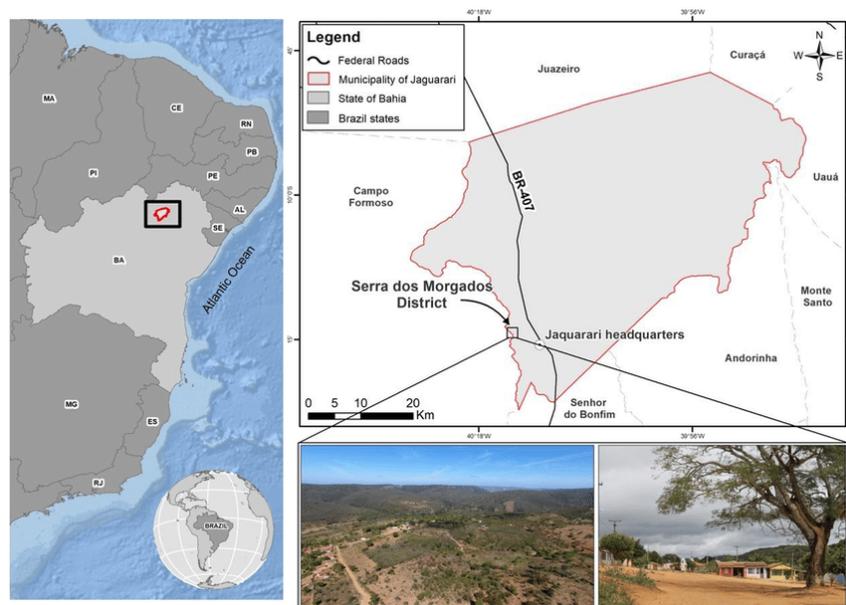
O que, à primeira vista, parece algo prático, também tem potencial danoso, uma vez que reelabora comportamentos associados a isolamento, nomofobia, exposição às fraudes e crimes virtuais, vício em jogos etc. Esse tipo de adoecimento ainda é difícil de ser diagnosticado, já que os recursos estão naturalizados no cotidiano das pessoas, incorporando-se ao ecossistema social. Dessa forma, é esperado que a presença ou o uso dessas tecnologias se incorporem ou sejam incorporados no contexto rural, favorecendo a atualização ou o surgimento de novas formas de sociabilidade, não mais exclusivas dos espaços urbanos (ESCOSTEGUY et al., 2017).

Com o objetivo de observar esses fenômenos em um contexto real, busca-se apresentar as percepções de moradores de um povoado localizado no interior baiano sobre como a presença ou o uso de tecnologias inteligentes no cotidiano, em especial o smartphone e a internet, influenciam nas relações da comunidade.

Material e métodos

O presente trabalho possui abordagem qualitativa e foi realizado na comunidade rural de Serra dos Morgados, Jaguarari-Bahia, no período de 18 a 22 de abril de 2022. O povoado possui cerca de 97 famílias e aproximadamente 315 habitantes (NETTO; MARQUES, 2017). A atividade foi autorizada pelo Comitê de ética em pesquisa da Universidade (blind review) através do parecer (blind review).

Figura 1 - Localização da comunidade de Serra dos Morgados

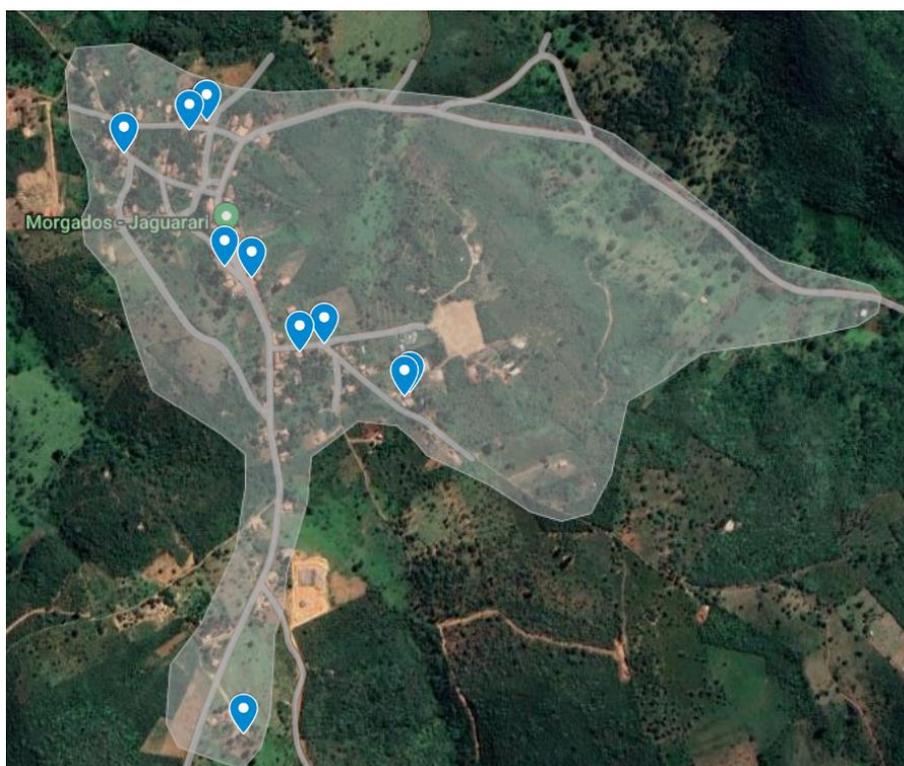


Fonte: DA SILVA SOUZA, 2022.

O trabalho de campo teve como base o processo de inserção ecológica (KOLLER, 2016), utilizando-se de uma entrevista aberta/reflexiva e de participação interativa, com imersão de uma semana dos pesquisadores no ambiente investigado. Alguns aspectos fundamentais foram observados nesse processo, como a interação entre participante e pesquisador; realização de encontros com boa duração (igual ou superior a uma hora), manutenção de uma postura informal e constante associação do tema ao contexto de vida dos entrevistados (PRATI, 2008, pp. 163-164).

O roteiro de entrevista contemplou temas sobre História de vida do entrevistado, a sua vida em comunidade, o ambiente externo à comunidade e sobre recursos tecnológicos. A escolha inicial dos participantes foi realizada por sorteio, em que se utilizou a localização das casas no mapa da comunidade.

Figura 2 - Marcação dos locais onde foram realizadas as entrevistas na comunidade de Serra dos Morgados



Fonte: Elaborado pelos autores utilizando o aplicativo GPS *Coordinates* para Iphone

Após o convite ao primeiro morador, esse indicou um outro e assim sucessivamente. Antes de cada entrevista, foi realizada a leitura do TCLE e esclarecido que a participação era voluntária e que o participante poderia suspender a atividade a qualquer tempo.

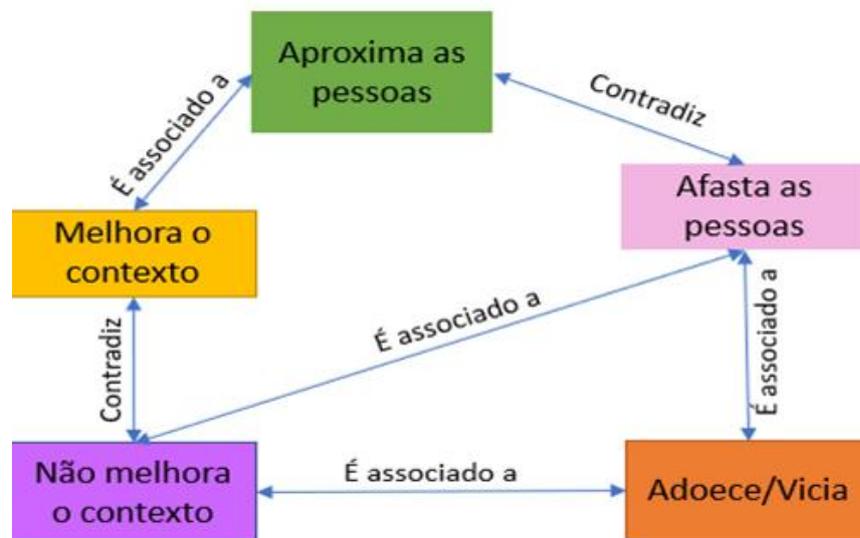
Foram abordadas 10 pessoas, todas maiores de 18 anos, sendo sete do sexo feminino e três do sexo masculino. Dessas, oito declararam possuir e utilizar smartphone e duas não. Todas declararam ter internet em casa. Após cada entrevista, foi atribuído um código de identificação que passou a ser utilizado na análise dos depoimentos, conforme segue:

Quadro 2 - Descrição do quadro

Entrevistado	Código	Entrevistado	Código
Ent 01	SM18040947F	Ent 06	SM20041529M
Ent 02	SM18041101F	Ent 07	SM20041630M
Ent 03	SM18041558F	Ent 08	SM20041709F
Ent 04	SM19041848F	Ent 09	SM21041757M
Ent 05	SM19041708F	Ent 10	SM22041140F

O processo de análise teve como base a análise qualitativa dos dados (GIBBS, 2009), que preconiza três momentos: Transcrição das entrevistas → Categorização/codificação → Análise. De forma indutiva, cinco códigos foram estabelecidos a partir dos relatos (Figura 2).

Figura 3 - Interconexão entre as categorias elaboradas a partir das entrevistas



Fonte: Elaborado pelos autores.

Dois apontam positivamente para um movimento de que a tecnologia aproxima as pessoas e melhora o contexto em que se vive; em oposição, outros dois apresentam que a tecnologia afasta as pessoas e não melhora o contexto. Por fim, um terceiro e específico código emergiu pela frequência com que se apresentou nos depoimentos, que é a associação do uso do celular a uma situação de doença ou vício.

Resultados e discussão



Todos os participantes nasceram na comunidade e permanecem nela até hoje, apresentando grande satisfação em morar naquele lugar. Poucos foram os que saíram do povoado, na maioria das vezes por questões de trabalho. Essa conexão com o local reforça a importância das interações estabelecidas no contexto comunitário, fundamentais para a construção das relações dentro do microsistema de cada indivíduo (BRONFENBRENNER, 1996; 2002), como pode ser visto nos relatos.

Nasci bem aqui meu filho, numa casinha ali, naquela casinha de taipa ali. Eu nasci lá. Aquela ali do pé de pau (ENT 01).

Eu nasci aqui mesmo, né? Nasci aqui. Minha infância aqui que eu acho que é normal como diz, como o de todos, né? (ENT 02).

Tem 32 anos que eu vivo aqui, não é? Nunca saí para lugar nenhum. Nunca saí daqui para ir para lugar nenhum (ENT 3).

Minha família, meus pais, meus avós nasceram aqui, se criaram aqui, assim como eu também, né? (ENT 4).

Moro aqui na serra desde que eu nasci. Fui em São Paulo, mas fiquei pouco tempo lá. Fui pra trabalhar (ENT 6).

Morei sempre aqui na serra, às vezes dá uma saidinha pra trabalhar, mas voltava sempre pra cá (ENT 7).

Sempre morei aqui. Saí assim às vezes pra trabalhar. Já trabalhei assim em casa de família em Jaguarari, Salvador e em Bonfim. Mas aí voltei pra cá, e aí pronto (ENT 8).

Saí pra trabalho. O marido saiu pra trabalhar, mas a gente só passou um ano fora (ENT 10).

Os primeiros contatos com serviço e tecnologias, tais como orelhão, antenas rurais ou mesmo transmissão de TV aparecem nos relatos como algo significativo, não só pela perspectiva de acesso, mas conectada com eventos e fatos relevantes (ou mesmo cômicos) do cotidiano vivido em comunidade. Isso aponta para um processo de normalização da tecnologia que passa a figurar como um elemento constituinte do contexto no qual estão inseridos.

Telefone e orelhão público foi, deixa eu ver, tem trinta anos. Foi noventa e um. Que foi quando foi fundada a associação. A associação fez um projeto que na época era Telemar e a gente conseguiu o orelhão público. O orelhão ainda funciona, só que assim, o pessoal



não utiliza. O motivo: depois do celular ninguém utiliza mais (ENT 01).

O primeiro contato que a gente tinha, assim falar..., de telefone era na agenda. Tem antena rural, que a gente.... aqueles telefones, sabe? Pequeninho de botão. Aí a gente comprou antena, aí coloca aí a gente liga assim como se fosse o sinal, tem sinal vivo, entendeu? Ainda tem, funciona (Ent 02).

Então era assim, a gente sentava rapaz pra falar com as pessoas, a gente marcava. Ó, tal dia, tal hora, vou estar lá, liga ou vou ligar. Aí se sentava nas calçadas lá, né? Que no de lá tem uma calçada grande, ainda tem, duas casas juntas e você ia conversar. Todo mundo sabia o que você falava. Sempre sentava todo mundo na fila, não podia sair que depois de tu vai ser eu e depois eu vai ser o outro, depois vai ser o outro e aquela confusão e nós vivemos muito tempo utilizando esse de orelhão (Ent 03).

A primeira coisa que chegou assim foi o orelhão. Chegou o orelhão lá embaixo ficava de frente com a casa, dá pra ver ela lá. Nós morávamos pro lado de baixo e o orelhão fica pro lado de cima aquelas casas, que você passou lá e viu. Quando chegou povo ligava, o povo corria atendia o telefone, ficavam mandando recado pro povo nas casas, era assim. Depois foi antena rural, tem dois aí quebrado aí dentro de casa e tudo agora é internet (Ent 06).

Não, primeira vez chegou orelhão. Era... Que a gente brigava que era que queria atender primeiro. Oxe quando tocava tinha deles que corriam que chegava lá era dois três de uma vez. Era da comunidade. Então quando tocava aí a gente atendia pra chamar a pessoa longe porque não tinha negócio de telefone. Agora aqui quando botaram orelhão aí, aí a gente ia atender quando tocava mesmo oxe ainda ficava escutando quem era que ia primeiro atender (ENT 10).

Esses relatos revelam a consolidação de processos de domesticação tecnológica que “envolve uma relação física dentro do ambiente doméstico e a integração de um tempo dedicado às rotinas sociais das pessoas” (DE LIMA, 2009, p. 53). Esses processos incluem, além de observações, a funcionalidade do dispositivo, os contextos relacionais que passaram a surgir depois da implantação no povoado.

Com o acesso a novos dispositivos, especialmente o celular, vários recursos e serviços passaram a ser concentrados em um único recurso e a estarem mais próximos dos moradores em seu cotidiano. Dessa forma, “o telefone celular assume um importante papel como mediador de múltiplos fatores envolvidos no processo de comunicação” (DE LIMA, 2009, p. 61).

Além dos contextos já apresentados, alguns entrevistados relacionam negativamente o contato com a tecnologia, especialmente com o celular, associando



seu uso a um tipo de vício ou adoecimento. Segundo Ribeiro Rosa e colaboradores (2019) as altas doses de dopamina no cérebro proporcionadas pelo prazer e recompensa no uso dos dispositivos móveis (Smartphones) e tablets estão na estrutura desse tipo de dependência, o que se confirma nos relatos dos entrevistados.

É assim. Eu já fico preocupada. Aí passou um dia, dois dias sem internet. Você quer o quê? É pior do que cachaceiro ó, pra mim mesmo é. Quando A Vivo some, você fica sem saber de nada o que aconteceu no mundo, ninguém liga. Oh meu Deus do céu. Como é que vai saber de notícia? Como é que fulano tá no lugar. É a mesma coisa quando falta água ou então luz, que a gente dá um estresse quando eu vou lavar o prato que bate na torneira que não tem água e quando não tem energia (Ent 01).

Quando falta internet, enlouquecem. É, já ficam assim loucos, e assim, minha internet não é muito, a potência dela não é muito boa, aí você imagina uma casa com 2, 5 celulares dentro de casa. Ali é aquele jogo, consome muito ele, sabe, aí fala um pouquinho, essa internet não presta, é desse jeito. Tem vez que você precisa fazer uma ligação urgente, você não consegue porque ela fica falhando e aí isso irrita eles, não é? Eu, nem tanto, porque eu uso mais assim para enviar mensagem, alguma coisa do tipo, não é? Mas eles são no jogo direto (Ent 03).

E eu falei ontem porque foi dia do livro infantil e a gente estava trabalhando com uma série de livros incentivando pra eles olhar e contando história e tudo e você percebe o interesse das crianças é tão somente um celular. Então, assim, é para as crianças e adultos. Você percebe que as pessoas estão mesmo ligados só no celular (Ent 04).

Vixe Maria. Acho que meu uso do celular já é como que eu vou dizer um meio vício. Ou não? É porque é assim. Eu deito a noite pra dormir, quando eu levanto de manhã cedo aí eu já tenho essa mania. Já correr lá e já ia olhar. Aí eu acho que já é um meio vício aí já, né não? (Ent 08).

Aqueles meninos em casa fazem tudo no celular o mais fraco ainda é o mais novo, mas baixa jogo faz tudo e eu não sei fazer nada disso. Ficam (muito tempo no celular), olha. Eu digo que é uma doença. Olha toda coisa no mundo a gente usar demais é uma doença. Você perde tudo (Ent 09).

Além da referência do vício, também é apontado que a tecnologia presente não melhora o contexto local ou afasta as pessoas. Turkle (2017) nos provoca à reflexão sobre como a tecnologia atende às nossas vulnerabilidades humanas. Conexões digitais e a sociabilidade de através de robôs artificialmente inteligentes podem oferecer a ilusão de companheirismo sem as exigências da



amizade. Nossa vida em rede permite escondermo-nos uns dos outros, mesmo quando estamos amarrados um ao outro. Nós preferimos texto a falar.

Eu acho que vivia mais feliz, sabe por quê? Porque assim, você, por mais que acontecesse algo ruim lá fora, mas você também não estava sabendo, você não sabia de tudo, você estava vivendo o aqui e agora, o presente, né? Onde você convive, né, com as pessoas perto de você, mas as pessoas lá fora você não sabia do que estava acontecendo. Então, através disso aí você não adoecia, você não tinha, hoje em dia você vê que é depois dessas tecnologias, desses avanços, o povo é depressivo, o povo é ansiedade povo é todo mundo eu acho que é tudo quanto que vocês veem o que acontece lá fora você acaba botando na sua cabeça, vai pensando. Oxe, acontece, isso vai acontecer comigo também e assim vai, a pessoa vai adquirindo e colocando coisa na cabeça, até que você não tem, você acha que tem (Ent 02).

Mudou alguma coisa na rotina da comunidade, lógico, né? Percebi o desinteresse das pessoas puder por determinadas coisas, assuntos e trabalhos até. Hoje o pessoal está focado somente num celular, numa internet. Se desligou dos acontecimentos da própria comunidade em si. Pra reuniões, pra igreja, pra até trabalho, as pessoas se acomodam muito (Ent 04).

A mãe que manda eles dormir, mas tem um que é muito dormidor. Não fica muito tempo acordado não. Ele desliga o celular. Eu mesmo não falo nada não, que eu não sei como é que é. Só se prender o celular. Botar uma porque a gente da roça não tem essas leis rígidas que nem até eu vi outro dia uma mulher tomar o celular do menino (filho), aí também eu não ligo e aqui é um barulho danado, né? Pra se tirar, se tirar é mais problema ainda, né? Que a gente não botou num começou como era de ser (Ent 09).

Hoje geralmente quando a gente se senta numa roda de amigos eu mesmo sou aquele amigo que apela, chego lá que não está todo mundo, assim a gente está há tanto tempo sem se ver e pra chegar aqui vocês está aí mexendo no celular, véi, aí eu acho que atrapalha bastante nisso. Acho que perde o foco daquele, mas aquele calor humano (Ent 07).

Eu acho que o recurso não ajudou a aproximar as pessoas. Eu acho que não ajudou tanto não porque é que nem eu estou te falando, eu não sou de sair, mas aí você deixar de estar ali sentado conversando cara a cara com a pessoa já é diferente e eu acho que já fez foi distanciar um pouco já as pessoas uns dos outros (Ent 08).

Segundo B. J. Fogg (2003), as tecnologias inteligentes podem operar para mudar opiniões, atitudes e valores, afetando o comportamento humano, especialmente por sua característica persuasiva. Além disso, a grande disponibilidade, a possibilidade do anonimato e a não existência de limites para produção, reprodução e compartilhamento dos conteúdos são elementos importantes



para a captura dos usuários e estruturação de uma relação de dependência (GREENFIELD, 2011).

Apesar dos relatos negativos, os mesmos entrevistados também apresentaram os aspectos positivos da chegada dessas tecnologias, demonstrando o quanto a tecnologia, de forma dicotômica, também aproxima as pessoas e melhora os contextos.

Celular pra mim mesmo é bom. Uma parte. Mas em outras mesmo não desenvolve nada. Mesmo não sei mexer. Rapaz, você ligar pros parentes, resolver assim uma coisa de rapidez é bom. É bom. Eu tenho internet em casa (Ent 06).

Com a questão do WhatsApp, né? Que a gente se reaproximou na questão porque a maioria mora em lugares diferente do Brasil hoje. Ah, mas a gente era bem muito, muito próximo mesmo (Ent 07).

Eu acho que esses dispositivos aproximam as pessoas, porque tinha muitos anos que a gente não se comunicava com os irmãos que tem em São Paulo, né? E agora a gente se comunica praticamente quase todos os dias. Com os tios também que tem lá. Só não se comunica todo dia porque às vezes não dá nem tempo, né? (Ent. 08).

A perspectiva do uso também pode ocupar perspectivas antagônicas ao mesmo tempo, superando a ideia de que ela é boa ou ruim. Os entrevistados reconhecem a melhoria em seus contextos com a chegada dos recursos, porém, também reconhecem os problemas que podem estar associados à sua chegada, como pode ser visto na Quadro 3.

Quadro 3 - Tabela de convergência dos aspectos positivos e negativos do uso/presença de tecnologia móvel no contexto local.

	Adoece / Vicia	Afasta as Pessoas	Não melhora o contexto
Aproxima as pessoas	0	0	0
Melhora o contexto	4	1	5

Fonte: dados da pesquisa.

Mais que uma dicotomia entre o local e o virtual acessado pelos usuários, o que se pode interpretar é que os participantes evidenciaram essa nova relação estabelecida em comunidade, que envolve a internet e, especialmente, o smartphone. Nesse sentido, o que se tem é um contexto vivenciado “pela pessoa em desenvolvimento em uma determinada plataforma digital com características



relacionais e simbólicas particulares que convidam, permitem ou inibem o engajamento em processos proximais dentro desse ambiente (NAVARRO; TUDGE, 2022, p. 4).

Conclusões

O smartphone está se consolidando como principal dispositivo tecnológico, aglutinando a funcionalidade de diferentes recursos e rotinas num só lugar. Entretanto, apesar do amplo acesso, as experiências dos usuários ainda são limitadas pela capacidade inferior de processamento de seus dispositivos, qualidade e tipo de conexão, além do hábito coletivo de uso.

Não há um consenso entre usuários sobre pontos negativos e positivos do uso/presença dos recursos em comunidade, sendo possível as duas percepções num mesmo relato/contexto. Assim, foi possível perceber que, apesar de parte significativa dos entrevistados relacionarem o uso demasiado do celular a um tipo de vício ou doença, não há como negar a necessidade do dispositivo nas suas atividades do cotidiano, acesso às informações e às políticas públicas.

Chama a atenção o fato de nos depoimentos os participantes relatarem que o uso dos recursos ajuda na aproximação das pessoas que estão geograficamente distantes, ao mesmo tempo em que afasta o contato com as pessoas que moram na mesma localidade.

A inserção de qualquer tecnologia implica em mudanças no contexto, favorecendo processos de adaptação/inclusão, mesmo que não se tenha o uso ou a posse de um dispositivo. Assim, é possível interpretar que mesmo que você não tenha o recurso, possivelmente sentirá os efeitos da sua presença, através dos usuários do entorno, ou da ausência, através da limitação de possibilidades de interação.

Por fim, é preciso refletir sobre como o uso/presença de uma tecnologia está se tornando um pré-requisito para o acesso das pessoas a informações ou políticas públicas, reforçando uma ideia determinista da tecnologia. Se por um lado tem-se a modernização dos processos em comunidade, por outro é preciso entender como dilemas sobre privacidade, assédio mercadológico, padronização da estética virtual e implicações negativas nas relações em contextos presenciais serão observados.



Referências

BRONFENBRENNER, U. **A Ecologia do Desenvolvimento Humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre, ARTMED, 2002.

BRONFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CAPOBIANCO, Ligia. **A revolução em curso: Internet, Sociedade da Informação e Cibercultura**. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

DA SILVA SOUZA, Luciana Vitor et al. Socioeconomic factors influencing knowledge and consumption of food plants by a human group in a mountainous environment in the semiarid region of Bahia, Northeast Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 18, n. 1, p. 1-12, 2022.

DE LIMA, Marcos Bernardo. Dimensões socioculturais da tecnologia: a telefonia móvel celular no cotidiano das pessoas. **Revista Tecnologia & Humanismo**, v. 23, n. 36, p. 49-64, 2009.

ESCOSTEGUY, A. C.; TREVISAN FELIPPI, A. C. Rurality and information and communication technologies: the new ways of living of farming families. **Cuadernos del claeH - centro latinoamericano de economía humana**, v. 36, n. 106, p. 129-150, 2017.

FOGG, B. J. **Persuasive Technology: Using Computers to Change What We Think and Do**. San Francisco: Morgan Kauffman, 2003.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GREENFIELD, David. **As propriedades de dependência do uso de internet**. In.: Young, KS & Abreu, CN Dependência de Internet: manual e guia de avaliação e tratamento, p. 169-190, 2011.

HELOU, Angela Regina Heinzen Amin et al. Políticas públicas de inclusão digital. **RENOTE**, v. 9, n. 1, 2011.

HUI, Yuk. **Tecnodiversidade**. Ubu Editora, 2020.

LEVY, P. **Cibercultura**. Editora 34, 2010.

NAVARRO, Jessica L.; TUDGE, Jonathan RH. Technologizing Bronfenbrenner: Neo-ecological Theory. **Current Psychology**, p. 1-17, 2022.

NETTO, Amazile Lopéz; MARQUES, Juracy. **Ecologia Humana em Ambientes de Montanha**. Paulo Afonso: Editora SABEH, 2017. 156 p.

PRATI, Laíssa Eschiletti et al. Revisando a inserção ecológica: uma proposta de sistematização. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 21, p. 160-169, 2008.

RIBEIRO ROSA, Aline; LIMA MONTEIRO, Cláudio Costa; DILSON BRISOLA, Rinaldo. O uso diário e a dependência da internet: a nomofobia-megadesafio para professores. **Atlante Cuadernos de Educación y Desarrollo**, janeiro, 2019.

SOARES, Samara Sousa Diniz; CÂMARA, Gislene Clemente Vilela. Tecnologia e subjetividade: impactos do uso do celular no cotidiano de adolescentes. **Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 1, n. 2, p. 204-223, 2016.

TURKLE, Sherry. **Alone together: Why we expect more from technology and less from each other**. Hachette UK, 2017.